

A INVENÇÃO PSICÓTICA

JACQUES-ALAIN MILLER (Paris)

Em quê este termo invenção é pertinente quando se trata das psicoses?

Uma bricolagem

O termo invenção se opõe naturalmente ao termo criação. A característica própria da criação é – sejamos tautológicos – seu caráter criacionista. A criação enfatiza a criação *ex-nihilo*, a partir do nada. É o viés teológico da palavra criação.

Há certamente uma zona semântica comum entre invenção e criação. A invenção se opõe habitualmente à descoberta. Descobre-se o que já está lá, inventa-se o que não está. Por isso a invenção tem parentesco com a criação. Porém, o sentido do termo “invenção” é, nesse caso, o de uma criação a partir de materiais existentes. Eu atribuiria de boa vontade à invenção o valor de bricolagem.

1. O corpo enigmatiza

Uma central telefônica sem telefone

Nesta introdução ao tema do ano partirei da referência que, para mim, orienta a abordagem da questão. Trata-se da passagem bem conhecida de Lacan do “L’étourdit”¹, que evoca isto, se a amplio um pouco: “A função de cada um de seus órgãos constitui um problema para o *fallasser*. Isso especifica o esquizofrênico, ser capturado sem o socorro de nenhum discurso estabelecido.” Essa é a tese de Lacan que justifica a pertinência do termo invenção nas psicoses.

Evocarei o caso de um esquizofrênico que fiquei conhecendo na Segunda Conversação Clínica no Brasil. Uma colega, Samyra Assad, descreveu excelentemente o caso clínico de um sujeito que falava de si mesmo como de uma central telefônica sem telefone. O diagnóstico não era problema, e as perturbações se apresentavam tanto no nível da linguagem como no do corpo. No nível da linguagem, chegava à xenopatia; frequentemente ele recebia injunções pelo rádio, e experimentava também uma sensação muito forte de que lhe faltava alguma coisa relacionada com a linguagem. Ele pode formular: “Não consigo mentir para a linguagem”. É mesmo possível dizer que o seu “eu” está ausente.

Recursos para se ligar ao corpo

Quanto ao seu corpo – pois é especialmente para o corpo que Lacan dirige nossa atenção, tratando-se do esquizofrênico – nosso esquizofrênico brasileiro tem o sentimento de estar fora do seu corpo, e precisa inventar, como ele mesmo o diz, recursos para se ligar ao seu corpo. Nos dedos coloca anéis, que têm o valor de laços com o corpo. Na cabeça, uma faixa, para ligá-la ao corpo. Estes são seus recursos. São laços colocados sobre órgãos, partes do corpo. Temos aí, de uma maneira mínima, elementar, a invenção.

É perturbador, porque nós também frequentemente colocamos anéis nos dedos, coisas nos cabelos – trata-se, aliás, de um fato bizarro, os outros animais não os usam – mas isso não tem o mesmo valor.

¹Lacan J. (2001). L’étourdit. In *Autres écrits*. (pp. 474). Paris. Seuil.

Por que não dizê-lo assim? Lacan nos convida a pensar que a esquizofrenia tem a propriedade de enigmatizar a presença no corpo, de tornar enigmático o ser no corpo.

Esta tarde eu falava sobre o conto de Borges², em que ele torna enigmático o ato sexual. Pois bem, sem literatura, a esquizofrenia torna enigmático o corpo, a relação com os órgãos. É o que Lacan aponta como sendo o particular do esquizofrênico, que se caracteriza por não poder resolver seus problemas de ser falante como todo mundo, apelando para discursos estabelecidos, discursos típicos.

Somos todos esquizofrênicos

Isto nos abre de fato o campo dos discursos que dizem o que é preciso fazer com o seu corpo e é, afinal de contas, uma parte do que chamamos educação. A boa educação é em grande parte a aprendizagem de soluções típicas, de soluções sociais para resolver o problema que o bom uso do corpo e das partes do seu corpo constitui para o ser falante: com esta, é preciso fazer isto, com aquela, não se deve fazer isto. Esta repartição não opera no esquizofrênico.

Lacan propõe uma tese geral, que vale para todos. Se quisermos considerar as coisas nessa perspectiva, somos todos esquizofrênicos. Foi isso que Deleuze explorou. E Lacan certamente pensa em nossos Deleuze e Guattari da época do anti-Édipo. Somos todos esquizofrênicos porque o corpo e os órgãos do corpo constituem problemas para nós, salvo que nós adotamos soluções típicas, soluções pobres.

2. O órgão fora do corpo

Antinomia entre órgão e função

Era costume dizer: "O órgão cria a função". Esta não é a tese de Lacan. A tese de Lacan é a de que há uma antinomia entre o órgão e a função. Temos órgãos e afinal, para que isso serve, só o descobrimos pouco a pouco, e isso

é bastante problemático. O que se faz com os pêlos, com os cabelos? Isso varia, aliás, de acordo com as épocas, as civilizações. Cortam-se os cabelos – não sabemos de forma alguma para que isso serve – e o pêlo do rosto, ou o mantemos ou o cortamos.

Qual é o exemplo em que o órgão e a função estão disjuntos? Não sei se é possível chamar isso de órgão, quanto mais de uma parte do corpo. O "para que serve" do órgão está presente desde o início, por excelência, quando se trata dos órgãos sexuais. Esta é a questão do menino: como se servir dele? Com o sentimento de que a função de micção não esgota tudo o que se pode fazer com a torneirinha, e particularmente de que é possível se divertir com ela, além da excreção.

A função-prazer

A partir da atividade lúdica descobre-se afinal muito rapidamente o uso do prazer, a função-prazer do pênis. Mas o discurso estabelecido está ali para dizer, de modo geral, que este não é o bom uso ou que não se deve abusar dele.

Vemos aí claramente órgão e função numa relação difícil. Mal se encontra uma função, uma boa função, uma função-prazer, logo ronda uma inquietude, ou até um interdito em torno – aliás, se este não for pronunciado, isso não se ajusta.

A ereção é o aparecimento de um x. O que se pode fazer disso? As idéias que surgem do que se poderia fazer dele são logo rejeitadas. O pequeno Hans sabe o lugar que isso toma.

Este é o próprio exemplo do que Lacan chama de órgão fora do corpo. Pode-se dizer que se trata de uma posição. O falo é um órgão fora do corpo, um órgão que escapa ao controle do corpo. O corpo do homem é a sede de um fenômeno que escapa a seu controle. O menino descobre que há certos meios de obter certos efeitos, colocar a mão em cima, mas é uma parte que faz isso apenas em sua cabeça. É um órgão que escapa à captura do corpo pelos discursos do mestre.

²Miller J.-A. Le coit énigmatisé. In *Quarto* nº 70.

É possível generalizar a noção de órgão fora do corpo. Para o esquizofrênico, um certo número dos seus órgãos passa fora do corpo. "Estou fora do corpo", formulava esse sujeito. Seus dedos, visivelmente, e também sua cabeça, escapam ao mestre. Sem dúvida ele se enlaça com tiras em torno das pernas. De uma certa maneira, todo o seu corpo passa fora do corpo.

Em relação a isso é preciso distinguir níveis.

O órgão fora do corpo também existe para a menina. É então o corpo de gozo por inteiro que passa fora do corpo.

No esquizofrênico, os órgãos passam fora do corpo no sentido de que eles ganham vida, têm vida própria, e cumprem seus papéis sozinhos. O próprio sujeito pode passar fora do corpo, como testemunhava esse esquizofrênico.

A era do Viagra

Conseguir controlar o órgão sexual tornou-se, em função disso, uma aposta imemorial. Por muito tempo se buscou – e eram substâncias preciosas – afrodisíacos, e estamos no ano 0 ou no ano 1 de uma nova era, a era do Viagra, que é de fato o triunfo do mestre.

Foi possível obter um controle extraordinário sobre a ereção do macho, o que tem sido buscado desde a aurora da civilização. O século XX talvez permaneça nos espíritos por isso. Não temos ainda um grande recuo clínico sobre a questão. Essa extensão das possibilidades da vida ativa no macho abre perspectivas inteiramente singulares. Os machos que chegam agora à idade da senilidade são abençoados pelos deuses. Este é um acontecimento considerável, sobre o qual espero impacientemente saber como será vivido.

Eis um órgão que se tornou o significante do discurso analítico, como diz Lacan, e que vai escapar a uma parte da questão que constituía seu charme, sua natureza. Começa-se a tocar em coisas muito profundas da espécie. Trata-se de um triunfo do mestre graças ao discurso científico.

Fazemos certamente parte desta maneira sensacional de reintegrar o órgão fora do corpo no corpo – é possível interpretá-lo assim – por uma pequena ablação, precisamente de uma parte do corpo cuja utilidade é muito relativa, o prepúcio.

Agora, buscar isso como signo de aliança privilegiada com o Outro! É difícil pensar que, por toda a eternidade, o prepúcio foi preposto, precisado³, se posso dizer assim, para servir de signo de aliança com o Outro e que, mediante esse sacrifício, não indolor, mas modesto, ele asseguraria o pertencimento a uma sociedade de elite.

A reintegração no corpo do órgão fora do corpo talvez seja o que os anéis, a faixa na testa do esquizofrênico asseguram, ou seja, outros meios simbólicos de reunificar o corpo e sustentá-lo, e ali, de fato, sem estar em um discurso estabelecido.

A circuncisão é um rito. Se ela não existisse e alguém chegasse dizendo: "Cortei meu prepúcio", isso seria uma invenção, e talvez bem psicótica.

O que Lacan e a experiência nos convidam a dizer é que o corpo do ser falante é assombrado por um problema de fora do corpo. É preciso que esse termo seja bem entendido. Isso não quer dizer que ele se põe a passear no espaço infinito. O órgão fora do corpo qualifica alguma coisa que escapa, mas permanece ligado. Certamente por isso é possível qualificá-lo como fora do corpo, e não fora de outra coisa em relação à qual ele estaria longe.

Uma zona de ex-sistência

Esta posição de estar fora permanecendo ligado é o que Lacan chama de ex-sistência, ou seja, estar colocado, "sistir" em algum lugar fora de alguma coisa, portanto em relação, em referência a esse fora, em referência ao termo em relação ao qual ele é *ex*. *Ex-sistere*, é ser colocado fora de, *ex* alguma coisa⁴.

³N.T.: J.-A. Miller parece fazer aqui um jogo de palavras entre *préposé* e *precisé*.

⁴J.-A. Miller desde então desenvolveu e formalizou o conceito de "ex-sistência", a partir do ensino de Lacan; em seu curso "O lugar e o laço" (2000-2001). Cf. Miller, J.-A. (2002, fevereiro). *L'ex-sistence*. *La Cause freudienne* 50, 7-25. Traduzido em *Opção Lacaniana* (2002, junho), 33, 8-21.

Se prestarmos atenção, o corpo está ligado, sempre, a ex-sistências desse tipo. Lacan, em certo momento, conceituou a libido como um órgão fora do corpo. Trata-se do exemplo da lâmina no texto "Posição do inconsciente"⁵. Ele convida a se representar a libido como um órgão fora do corpo e faz um pequeno conto, ao modo de Borges ou de Edgar Poe, um pequeno conto da lâmina, em que se vê esse órgão de fato passear fora do corpo. De alguma forma ele evoca o esboço disso no reino animal falando do território que ex-siste ao corpo animal em certas espécies, e que faz, por exemplo, com que este animal impeça uma maior aproximação de uma certa circunferência. Se um outro transpõe esse limite, ele se sente ameaçado. Seu corpo é envolvido por uma zona de existência que ultrapassa o envoltório corporal. Há um corpo, mas há alguma coisa do corpo, uma certa zona, que se estende em torno do corpo e que é contígua a ele.

Sociólogos certamente bancaram antropólogos ou zoólogos, para terem determinado essas zonas. Os cidadãos, por exemplo, podem sentir mal-estar quando alguém se aproxima um pouco mais deles, porém no metrô, aceitarão ficar espremidos como sardinhas. Há toda uma antropologia da distância. Para alguns, esta é bastante ampla; eles têm necessidade do seu território, e quando levam isso um pouco além, se diz que eles são fóbicos.

3. A função do órgão-linguagem

O homem habita a linguagem

Vou considerar um pouco mais de perto essa frase de Lacan sobre o esquizofrênico. Lacan começa qualificando o ser falante de animal que tem "*stabilitat* que é a linguagem". Escreve *stabilitat* com uma só palavra, como era de tempos em tempos seu costume na época, de maneira fonética, quase à maneira de Queneau, ou de Zazie. A tese segundo a

qual o que especifica o ser humano é habitar a linguagem foi colhida em Heidegger. O fato do homem habitar a linguagem é passado quase como máxima filosófica.

Ele escreve de maneira bastante bizarra: *stabilitat, abitato*, com ecos em relação aos quais não se sabe se devem ser levados totalmente a sério, e ao mesmo tempo, como se trata de órgão e de fora do corpo, não se ousa afastar completamente a possibilidade. Em todo caso, se diz que isso funcionou apesar de tudo. "O *abitato*, é também o que para o seu corpo faz órgão".

A linguagem segundo Chomsky

O que isso pode querer dizer? É preciso pensar que isso qualifica a linguagem. Eu o traduziria assim: o fato de habitar a linguagem faz órgão para seu corpo. Eu seria mesmo levado a ver aí – é uma leitura possível – uma alusão a uma tese que Chomsky havia lançado na época dizendo que a linguagem é um órgão. Esta tese entusiasmou um certo número de pesquisadores, e foi retomada por conta própria pela psicologia moderna, contemporânea. A tese de Chomsky era: já que a linguagem se desenvolve em todo mundo, em condições normais, devemos considerá-la como um órgão do ser humano.

Lacan não tem essa concepção da linguagem, mas ele joga com ela aqui. Para Chomsky isso quer dizer que ela se desenvolve naturalmente como um órgão. No início nossos pés são pequenos, depois crescem. Pois bem, a linguagem começa a brotar em um dado momento, se desenvolve e a seguir você fala como um livro. Em Lacan, por admitir a tese de que a linguagem é um órgão, isso quer dizer outra coisa. Suscita a questão do que fazer com ela.

Não podemos nos impedir de fazer com que esta palavra "*abitato*" introduza, na leitura que pode ser feita da frase, uma pequena inquietação. O que para seu corpo faz órgão é a linguagem. Mas isso não seria designar, de uma maneira considerada vulgar, o falo?

⁵Lacan, J. (1966). Position de l'inconscient. In *Écrits*. Paris: Seuil.

Um enxerto

Terceiro momento desse pequeno parágrafo: “é também o que para seu corpo faz órgão – órgão que, por assim existir a ele, o determina em sua função, mesmo antes que ele a encontre.”

A idéia de que a função da linguagem determina o ser falante é uma tese constante em Lacan. O que isto acrescenta aqui é que ele tem que encontrar a função do órgão-linguagem. Todo ser falante descobre que habita a linguagem – basta representar o mundo de palavras e escritos que sustenta uma vinda ao mundo – mas a linguagem não passa de um envoltório. É como se enxertássemos esse órgão fora do corpo no ser falante, e para cada um se coloca a questão de encontrar a função do órgão-linguagem, o que fazer dele.

O que fazer dele e, para especificar a questão, como fazer dele seu instrumento. Na coletânea *La stylistique des psychoses*⁶, vemos sujeitos que estão às voltas com o órgão-linguagem e que não sabem o que fazer dele, que não chegam a fazer dele seu instrumento. Mesmo que isso não esteja inteiramente explícito nessas linhas, Lacan nos convida, nessa perspectiva, a pensar a linguagem como um órgão fora do corpo. A linguagem seria mesmo o órgão fora do corpo.

A fala está ligada ao corpo, ela mobiliza o corpo, os músculos do rosto, da boca. O estudo dos músculos e dos desencadeamentos sinápticos em jogo é objeto de um estudo muito preciso. Está bem ligada ao corpo e ao mesmo tempo ganha um certo território, passa ao exterior.

Não-sem outros órgãos

A partir daí Lacan diz a famosa frase que citamos sempre: “É mesmo por isso que ele é levado a achar que seu corpo não é sem outros órgãos – isso que caracteriza o dito esquizofrênico, ser capturado sem o recurso a nenhum discurso estabelecido”. A referência disso é claramente aquilo que Deleuze e Guattari, na obra que tinha grande repercussão na época, *O anti-Édipo*, chamaram de

corpo sem órgão do esquizofrênico. Lacan diz exatamente o contrário. É a partir do fato de que o ser falante é afetado pelo órgão-linguagem que ele deve achar que seu corpo não é sem outros órgãos, que o órgão-linguagem não é o único.

Eu poderia explicá-lo assim: o sujeito é forçado a perceber que ele não é somente ser de linguagem, que se relaciona apenas com o órgão-linguagem, mas que tem outros.

Lacan emprega a expressão, que parece rebuscada: “que não é sem outros órgãos”. Não é a mesma coisa dizer “não-sem” e dizer “com”. Qual é a diferença? É que há uma pequena passagem pela negação entre os dois. Evoca-se justamente que se poderia muito bem fazê-lo sem.

Um sujeito sem corpo

O sujeito pode ser levado a se tomar como um ser de linguagem, especialmente o sujeito lacaniano, já que Lacan por muito tempo ensinou esse sujeito a se tomar sem o corpo. O sujeito em questão em “A carta roubada”⁷, o sujeito do significante, é o puro sujeito do simbólico. Lacan passou seu tempo considerando um sujeito que só teria relação com a linguagem, e dizendo: “Isso está no simbólico, é lá que isso opera, e o resto, por favor, um passo atrás, é o imaginário”. E vocês fazem o que lhes é dito, seguem os movimentos do significante.” É o que está na primeira página de “A carta roubada”. O que determina as coisas é o simbólico, e o corpo arrasta um pouco a pata. Esta é sua inércia, as inércias imaginárias. Tudo isso não passa de “sombras e reflexos”. Quando Lacan diz: “Ele é levado a achar que seu corpo não é sem outros órgãos”, ele sabe bem do que fala, já que ele próprio foi levado a achar isso.

Esta era a tese do símbolo como assassinato da Coisa, ou seja, do símbolo e do simbólico como negativizando o corpo, de tal forma que o corpo se redescobre, mas como corpo simbolizado, anulado, mortificado, sendo o resíduo de gozo colocado à parte, sob a forma do objeto *a*. O que traduz muito bem as elucubrações de Freud sobre as migrações da libido no corpo,

⁶*La stylistique des psychoses*, Paris, Seuil, 2000.

⁷Lacan, J. (1966). Le séminaire sur “La lettre volée”. In *Écrits*. Paris: Seuil.

esta libido pouco a pouco desalojada e que se concentra nas zonas erógenas. Lacan retraduziu isso, se quisermos, não somente para as zonas erógenas mas também para os órgãos. Empregar a palavra órgão implica a palpação do gozo nessas partes do corpo.

Lacan, evidentemente, não negligenciava o corpo. Ele lhe dava lugar no imaginário. Foi ele, aliás, quem introduziu no vocabulário francês "a imago do corpo despedaçado". Reuniu um certo número de fenômenos que apareciam nos sonhos, nas fantasias, sob a denominação, aliás bastante kleiniana, de imagos do corpo despedaçado.

O que fazer do corpo?

Nesse texto, ele nos convida a ver no órgão-linguagem, como existente no corpo, aquilo que desestabiliza os órgãos do corpo e que ao mesmo tempo os significantiza e os torna problemáticos, ou seja, faz com que se coloque a questão do que fazer dele.

Mais acima no texto, Lacan já havia dito à sua maneira, na página 12: "O corpo dos falantes está sujeito a se dividir pelos seus órgãos, o bastante para encontrar para eles função. Isso requer às vezes muito tempo: para um prepúcio que entra em funcionamento a partir da circuncisão, vejam o apêndice esperar, durante séculos, a cirurgia". Ele brinca, o apêndice toma uma função a partir de sua ablação cirúrgica. "É assim que do discurso psicanalítico, um órgão se torna o significante"⁸.

O órgão-linguagem do sujeito faz um *falasser*, ou seja, lhe atribui um ser, mas ao mesmo tempo lhe confere também um ter, seu ter essencial que é o corpo.

O dito esquizofrênico, Lacan o considera como caracterizado pelo fato de que, para ele, o problema do uso dos órgãos é especialmente agudo e que ele deve ter recursos sem o socorro de discursos estabelecidos, ou seja, ele é obrigado a inventar um discurso, é obrigado a inventar seus socorros, seus recursos, para poder usar seu corpo e seus órgãos.

4. Invenções e estereótipos

Uma outra colega brasileira, Ângela Pequeno, apresentou muito bem um outro psicótico no qual havia elementos paranóicos que não existiam no outro. Enquanto para o primeiro, aquele que se descrevia como uma central telefônica sem telefone, o "eu" estava de qualquer forma ausente, tínhamos, pelo contrário, no outro, uma megalomania. Ele, às vezes, pensava que seu nome era mundialmente conhecido, e era possível ver a presença da alusão – ele buscava alusões no discurso de uns e outros. Havia assim a recorrência de um binarismo constante, e precisamente nenhuma referência à relação com o corpo. A relação com o corpo não era problemática para esse sujeito.

As invenções paranóicas

Isso não quer dizer que não havia invenções paranóicas, e teria sido mesmo possível, se tivéssemos uma clientela suficiente de paranóicos, propor como título "As invenções paranóicas".

Mas as invenções paranóicas não são do mesmo registro que as invenções esquizofrênicas. Elas incidem basicamente no laço social. Para o paranóico, não se trata do problema da relação com o órgão ou com o corpo que não está preso a um discurso estabelecido, mas do problema da relação com o Outro. Ele é então levado a inventar uma relação com o Outro.

Se ele for bem dotado, isso nos fornece os grandes utopistas, ou produz *O contrato social*, um esforço prodigioso para inventar um laço social que entusiasmou multidões, que foi uma das maiores referências dos revolucionários franceses e que, a seguir, percorreu o século XIX, que faz parte do que produziu a invenção da revolução bolchevique, invenção que, embora um pouco esquecida atualmente, abrindo um pequeno parêntese, manteve-se em cartaz por setenta anos. Em *O contrato social*, que respondia verdadeiramente às expectativas da sociedade, temos a invenção de um novo Outro totalmente inédito.

⁸Lacan J. (2001). L'etourdit. In *Autres écrits* (p. 456). Paris: Seuil.

Rousseau também foi muito inventivo a respeito da relação amorosa. Ele conseguiu fazer chorar a Europa inteira com a *Nova Heloísa*, que descreve o que se chama em bom francês *ménage a trois*. Não foi de uma originalidade absolutamente gritante, pois o *ménage a trois* vinha sendo praticado desde a mais remota antiguidade, mas ele conseguiu escrevê-la de uma maneira especialmente emocionante.

Invenção possível, pequena identificação

O que se poderia dizer da melancolia? Ali, não se pode falar de invenção melancólica. Seria possível, pelo contrário, dizer que a invenção é impossível, e que o melancólico chora aquilo que é para ele a impossibilidade de invenção.

E quanto aos doentes mentais, à psicose habitual? Ali, trata-se antes do Concurso Lépine⁹, das pequenas invenções. Não são as bombas de *O contrato social* que abalam a França, a Europa, devastam tudo – eu exagero, mas faz sentido – mas antes a invenção de um pequeno ponto de basta, de uma pequena identificação, e a identificação é a condição para que haja trabalho.

O traumatismo do significante alíngua

Gostaria de lembrar esta citação de Lacan do *Seminário 3*, que mostra que a invenção está condicionada pelo que há de mais essencial na psicose: “O sujeito psicótico está numa relação direta com a linguagem em seu aspecto formal de significante puro. Tudo o que se constrói ali não passa de reações de afeto ao fenômeno primeiro, a relação com o significante”¹⁰. Aquilo que Lacan chama de construção é, para nós esta noite, a invenção.

Como poderíamos reformular isso?

Diríamos, inicialmente, que a invenção procede da ex-sistência do órgão-linguagem, e que antecede o encontro de sua função. O fato da ex-sistência do órgão-linguagem no corpo condiciona o sujeito a encontrar uma função para ele. Ou ele a recebe, ou a inventa.

Em segundo lugar, este significante puro é

o significante enigma, ou seja, o significante que não se encadeia, o significante que constitui choque em si mesmo. No discurso do mestre não há enigmas a esse respeito, mas respostas. É o que constitui mesmo a pregnância do discurso do mestre. Os mecanismos imputados ao Édipo mostram como o significante enigma – aquele que chamamos de significante do Desejo da Mãe – toma sentido, e como ele oferece para o sujeito uma identificação.

Mas, em terceiro lugar, a referência de Lacan é ao traumatismo que sempre significante, alíngua e seu gozo produzem, o traumatismo que alíngua produz em um sujeito. Lacan chegou a fazer dele, em seu último ensino, o núcleo do inconsciente. O núcleo do inconsciente é aquilo que se falou para vocês: que esses significantes foram investidos, e que isso os traumatizou. Quando se procura, é isto que se encontra definitivamente como núcleo. É precisamente o traumatismo do significante, do significante enigma, do significante gozo, que obriga a uma invenção subjetiva. É uma invenção do sentido que sempre é mais ou menos um delírio. Há os delírios dos discursos estabelecidos, e também os delírios verdadeiramente inventados. Porém, um delírio é uma invenção do sentido.

O Outro é uma invenção

Há invenções de identificação. O transexualismo é uma invenção bastante típica, mas é uma invenção de identificação: dizer “sou homem” quando fisicamente “sou mulher”. E há então as invenções, talvez as mais interessantes, da função do órgão-linguagem. Joyce inventou para o órgão-linguagem uma função absolutamente inédita, completamente afastada da comunicação.

Mas, de uma maneira geral, se o termo invenção se impõe para nós hoje em dia, é porque ele está profundamente ligado à noção de que o Outro não existe, profundamente ligado à idéia de que o Outro é uma invenção. Por mantermos a tal ponto a idéia de que o Outro do simbólico existe, de que o sujeito é simplesmente efeito

⁹N.T.: Concurso Internacional de Invenções organizado pela AIFF (Associação dos inventores e fabricantes franceses), fundada em Paris, 1901.

¹⁰Lacan, J. (1981). *Le Séminaire, Livre 3, Les psychoses* (p. 284). Paris: Seuil.

do significante, e aquele que inventa, em grande parte, é o Outro. Só há o Outro que inventa, enquanto que com o Outro que não existe a ênfase se desloca do efeito ao uso, se desloca para o saber-fazer.

Não se trata apenas do ponto de vista “o sujeito é determinado pela linguagem, pelo Outro, é no Outro que isso se passa”, trata-se, ao contrário, da noção de que o sujeito tem é que saber-fazer com seu traumatismo. O Outro não existe quer dizer que o sujeito está condicionado a se tornar inventor. Ele é particularmente levado a instrumentalizar a linguagem.

Tudo se passa ali. Podemos ver bem a diferença entre os sujeitos que chegam a fazer da linguagem um instrumento e aqueles que permanecem instrumentos da linguagem.

5. Particularidade, singularidade, invariabilidade

O dever do idiota

No caso apresentado por Cristiane Alberti na Jornada da Seção clínica em Paris, o garoto dizia: “Tenho um torcicolo, estou torto, estou maluco”. Ele é puxado pelo cabresto pela linguagem, pelas assonâncias. Então, vocês têm, pelo contrário, o chamado Chayssac que se torna mestre da linguagem. Ele diz: “Uma palavra é obscena porque se decretou que ela o é, e se eu decreto outra coisa, digo merda e então trata-se do bom francês”. Ele entra na linguagem como mestre.

Citei também o paciente de Nathalie Georges que descreve muito sobriamente – melhor impossível – o traumatismo do órgão-linguagem: “As palavras são minha dor”. Isso me agradou tanto que foi colocado como título para a apresentação de doentes de Val-de-Grace. Ele não fica apenas ali, chorando ou balbuciando como outros psicóticos menos dignos: “Cortaram-me a palavra, não posso mais falar”, ou ainda a paciente que diz: “As palavras não me representam”. Georges, o paciente de Nathalie, diz: “Sou obri-

gado a escrever.” Como ele diz: “É o dever do idiota.” Isso é muito bonito.

O idiota, nesse caso, *idiotes*, é o particular, mas *idios* como adjetivo, é verdadeiramente o que é próprio a um, aquilo que lhe é particular, aquilo que está à parte. Normalmente, “é um indivíduo” quer dizer todo mundo, e então, isso se tornou pejorativo, e terminou querendo dizer *idiotes*, idiota. No latim isso ocorre de maneira semelhante, e foi muito útil no latim da Igreja. Devia haver ali muito a falar dos *idiotes*, ou seja, dos que sem dúvida não partilhavam sua crença. Mas *idios*, é também o que existe na idiossincrasia, o mais próprio a alguém.

Nesse caso, a escrita é sua invenção. Seria possível utilizar sua fórmula, dizendo: “De uma maneira geral, a invenção é o dever do idiota”. Trata-se de um sujeito que chega a utilizar este título muito bonito: “Viagem em grande idiotia”. Ele viaja em sua própria originalidade. Todos as grandes obras são inteiramente “viagens em grande idiotia”.

Eu me peguei relendo o caso que ele havia colocado em epígrafe: “O idiota se apagará na passagem do tempo”. Há a função tempo. É preciso tempo para que o idiota absorva sua particularidade no laço social ao qual ele acede pelo uso da escrita.

Do laço social à solidão

Ele ainda está bem. Ele parte da idiotia, de sua singularidade, e depois aspira se fundir, entrar na sociedade humana. Enquanto Rousseau seguiu o caminho inverso. Jean-Jacques Rousseau faz *O contrato social*, e depois termina fazendo *Les rêveries du promeneur solitaire*, que é sua “Viagem em grande idiotia”, ou seja, no momento em que ele se descreve como só, rejeitado pelo mundo. Ele passou da utopia do laço social magnífico de *O contrato social*, para o que descreve como uma solidão errante – que naquele momento ainda o perturbava – indo herborizar nos Champs-Élysées, em meio à natureza, nesse contato com a natureza que está no extremo de sua idiotia.

Joyce inventa uma função completamente inédita para o órgão-linguagem, não a comunicação, mas uma forma de literatura inédita, que não fez escola. Quando se inventa uma forma poética, isso faz escola, e é retomado através dos tempos. No entanto, *Finnegans Wake* não fez escola. A ambição de Joyce não era a de fazer escola, mas de ir ao extremo de sua idiotia, de sua singularidade, e de fazer universidade, de dar aos universitários motivos para comentar sua própria singularidade, principalmente com o intuito de acabar com a literatura.

O registro da não-invenção

O conceito de invenção não se aplica a toda psicose. É preciso certamente dar lugar – e é também interessante – a tudo o que é do registro da não-invenção, ou seja, a todos os casos apresentados nessa coletânea, nos quais vemos a presença do traumatismo da linguagem e o sujeito bloqueado por esse traumatismo, não chegando absolutamente a inventar a partir daí.

Há o caso: “Minhas palavras não me representam”. O caso Marie: “Cortaram-me a palavra, não posso falar.” O caso Julien, no qual o sujeito não pode assumir sua enunciação. É possível ver o sujeito traumatizado pelo próprio órgão-linguagem, que não superou esse traumatismo. A invenção não está presente. Da mesma forma o caso Verônica, que faz a atroz experiência da fuga do sentido. Ela diz: “Repetir uma coisa não é redizer a mesma coisa, nunca se trata da mesma coisa duas vezes. De uma sessão à outra, observa o autor, ela não retoma o que ela pôde dizer, seja porque seria presa em flagrante delito de mudar de opinião, seja porque dizer a segunda vez é perder a primeira”. Eis um problema muito primário da relação com a linguagem.

São casos tão interessantes quanto os outros. De qualquer forma, trata-se do inverso da invenção. São casos em que o traumatismo sofrido pelo sujeito, devido à incidência do órgão-linguagem, aparece perfeitamente.

É preciso também dar lugar a tudo o que é típico na psicose, que não decorre da invenção, e particularmente, àquilo que é o grande desencadeamento psicótico, aquele para o qual Lacan fornece a fórmula no final “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. O sujeito preso em uma relação dual com alguém, e depois Um-pai vindo como terceiro, se introduzindo na relação, e naquele momento se desencadeia a psicose. Temos ali alguma coisa muito típica, que na psicose não decorre absolutamente do registro da invenção.

Há invenções esquizofrênicas, invenções paranóicas, mas há também todo um campo da psicose que é, pelo contrário, da ordem do *automaton*, da ordem da estrutura inscrita. Isso podia ser muito bem observado nos casos italianos, por ocasião de uma conversação clínica em Roma, nos quais havia vários casos de desencadeamento típico. As mesmas frases ocorrem aos diferentes sujeitos: “Todo mundo sabe que...”. Em um certo momento, isso se desencadeia, e *bop!* o saber perambula pelo mundo. Era possível sentir ali a psicose se instalar como uma espécie natural, com alguma coisa invariável.

A invenção comporta a originalidade e a diversidade, e há certamente na psicose todo um campo clínico que não decorre absolutamente da invenção. Há uma dialética a ser estabelecida entre a invenção e a estereotipia nas psicoses, e talvez progredíssemos esse ano acopiando ao termo invenção o de estereotipia, de tipicidade, para termos um binário e uma dialética possíveis.

Debate¹¹

A amarração corporal

Há tentativas desesperadas, invenções esboçadas. Nas psicoses maníaco-depressivas também há grandes inventores, grandes criadores. Tentei reparti-las entre as formas clínicas, e há as invenções bem sucedidas, as fracassadas, e o

¹¹ N.T.: Resumo da intervenção de J. -A. Miller no debate.

recurso à invenção que a relação com o analista pode representar, o auxílio à invenção de recursos para sustentar o corpo. No caso, sustentar-se como um pilar para o endereçamento do esquizofrênico pode ter função de amarração. A invenção da amarração corporal é um grande registro que pode ser estudado.

Delírios e discursos estabelecidos

Há delírios normais. O que Lacan chama de discursos estabelecidos, são os delírios normais. Tudo o que é ficção social pode ser qualificado de delírio. Trata-se do discurso das Luzes levado ao seu termo. Se é inverossímil ser persa, também o é ser francês da época de Luís XIV. É também delirante, pouco fundamentado na natureza das coisas.

É nisso que a psicose faz vacilar os semblantes. Há um certo número de aparelhagens, de montagens, que são destinadas, segundo Freud, a satisfazer o aparelho psíquico. O aparelho psíquico se satisfaz essencialmente através dos sintomas, e o sintoma pode muito bem ser social.

O que qualifica esses psicóticos é que eles são obrigados a fazer esforços totalmente desmedidos para resolver problemas que, para o normal ou o neurótico, são resolvidos pelos discursos estabelecidos. Efetivamente, em certo momento, levantar as pálpebras, deslocar-se começam a constituir problemas absolutamente gigantescos, enquanto o outro saltita porque o discurso estabelecido resolveu para ele uma montanha de problemas. Num certo momento, para Schreber ou para outros, o ato de defecar, de andar, de olhar, tudo isso anima um mundo de significações e de agitações demoníacas de tal forma que por um certo período ele se abandona à catatonia. Ele se deixa conduzir à catatonia porque a presença no mundo e no corpo se torna um problema insolúvel. Há então formas estabelecidas que o simplificam.

O delírio no sentido comum, o delírio como patológico, é o esforço de invenção de um idiota, ou seja, de Um-sozinho. Quando eles são vários, é muito difícil convencer que se trata de

um delírio. Se você tem apenas um que acredita ser o Filho de Deus, que é crucificado pelos pecados do mundo e companhia, trata-se de um doido. Se doze pessoas chegarem a crer nisso, não há nenhuma razão para que a terra inteira não embarque nisso. Isso está em curso. Ali, o número tem algo a ver com isso. No início, o Partido comunista chinês é composto de oito homens numa sala, que conspiram um pouco. Logo eles começam a se dividir, e surgem os dissidentes. Em última instância, eles acabam constituindo um mundo. Isso começa a se formar quando chega Mao Tse-Tung, depois cresce e o partido comunista chinês tem então 500.000 membros, um milhão de membros, e toda a China é vermelha... e ela não é mais vermelha de forma alguma.

Haverá critérios intrínsecos que separam? Nada garante. Aliás, os chineses o sabem tão bem que perseguiram uma pequena seita chinesa que tinha 500.000 membros ou algo em torno disso, enfim, quase nada. Eles a perseguiram ferozmente porque sabiam que ela podia crescer.

Em épocas muito remotas na antiguidade, pouco se sabia sobre as seitas. Já se sabia um pouco mais sobre Maomé. Maomé era do século sete de nossa era. É possível ver o rapaz que se isola, ouve vozes, vozes sagradas numa gruta. Ele chega, carrega um certo número de pessoas com ele e isso se torna uma das maiores religiões da humanidade, a segunda religião na França. Há tentativas mais recentes. Porém, na era das ciências, isso se torna mais difícil, a não ser que eles coloquem a palavra científico. Vocês têm a igreja da cientologia. Vejam a resistência que ela pode ter. Temos certeza de que se trata de um delírio quando isso permanece de Um-sozinho. Vemos a comunicação fácil que há entre os grandes delírios e as grandes formas religiosas. De qualquer maneira são formas heréticas, porém isso transborda facilmente.

O importante é: isso chega a fazer laço social ou não? Talvez haja ali dentro uma contingência. Vemos formas de delírio que claramente não podem se socializar.

O significante enigma

O desencadeamento é como um instante de ver. O sujeito verifica ser a sede de fenômenos incompreensíveis para ele próprio. Depois há um tempo para compreender do que se trata, que é um tempo de incubação do delírio. Às vezes isso não ocorre, não chega a se cristalizar e o sujeito permanece na perplexidade. Quando a perplexidade se desfaz, nesse momento ela é substituída pela certeza, pela elaboração de um delírio bem conformado.

Com Schreber, chega-se a situar os tempos de interrogação. O traumatismo da linguagem se renova. Pode-se ver o significante enigma

com sua significação pessoal: "Isso significa alguma coisa, não sei o quê, mas me concerne". E nesse momento, isso começa a se cristalizar.

Poderíamos ver em certos sujeitos o esboço de uma pequena perturbação da linguagem, algo que não está se encaixando muito bem para eles: "Será que por acaso haveria micros?". E isso não toma uma proporção maior, há apenas uma espécie de inquietação. De qualquer forma, há micros por todo lado.

Conferência introdutória a "A invenção psicótica" no Seminário da Seção clínica Paris-Île-de-France (1999-2000), pronunciada em 24 de novembro de 1999. Texto e notas estabelecidos por Catherine Bonningue. Traduzido por Inês Autran-Dourado Barbosa.